

VISUALIDADES E GÊNERO: EXPERIMENTAÇÃO E SUBVERSÃO EM LETÍCIA PARENTE E MÁRCIA X

*VISUALITIES AND GENDER: EXPERIMENTATION AND SUBVERSION IN LETÍCIA
PARENTE AND MÁRCIA X*

Fabiana Lopes de Souza¹

Doutoranda em Educação/PPGE/FAE/UFPEL
fabiana.lopass2013@gmail.com

Maristani Polidori Zamperetti

Doutora em Educação/CA/PPGE/UFPEL
maristaniz@hotmail.com

RESUMO

O presente texto argumenta sobre a importância da educação crítica das imagens para a compreensão das visualidades contemporâneas, buscando entrelaçar os temas de cultura visual, artes visuais e gênero, com ênfase em produções de artistas mulheres. A fundamentação teórica se baseia em Hall (2005) que trata das questões de identidade cultural na perspectiva de um mundo pós-moderno e Hernández (2000; 2007) que aborda sobre a necessidade dos estudos da cultura visual para a análise crítica e estética das imagens. No texto, destacam-se os trabalhos de duas artistas contemporâneas Leticia Parente e Márcia X. Suas obras caracterizam-se pela experimentação e subversão expostas em vídeos, performances e instalações, onde corpos, sexualidades e subjetividades atuam em confronto com ética, política e religião. Dessa forma, o que se pretende é fomentar por meio do ensino das Artes Visuais, o conhecimento das artistas mulheres buscando favorecer múltiplas compreensões das visualidades contemporâneas.

Palavras-chave: Artes Visuais. Arte Contemporânea. Cultura Visual. Gênero. Feminismo.

ABSTRACT

This text argues about the importance of critical image education for the understanding of contemporary visualities, seeking to intertwine the themes of visual culture, visual arts and gender, with an emphasis on productions by women artists. The theoretical foundation is based on Hall (2005) which deals with issues of cultural identity from the perspective of a postmodern world and Hernández (2000; 2007) which addresses the need for studies of visual culture for the critical and aesthetic analysis of images. The text highlights the works of two contemporary artists Leticia Parente and Márcia X. Their works are characterized by experimentation and subversion exposed in videos, performances and installations, where bodies, sexualities and subjectivities act in confrontation with ethics, politics and religion. Thus, the intention is to promote, through the teaching of Visual Arts, the knowledge of women artists seeking to favor multiple understandings of contemporary visualities.

Keywords: Visual Arts. Contemporary Art. Visual Culture. Gender. Feminism.

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

INTRODUÇÃO

Refletindo sobre a realidade brasileira contemporânea, observamos que as visualidades se tornaram massivamente parte do constructo de debates e problemáticas que envolvem a cultura e a sociedade. Assim, destaca-se a necessidade dos estudos sobre a cultura visual, que emerge dos Estudos Culturais, para uma melhor compreensão do mundo globalizado e das relações que se estabelecem entre os sujeitos, a partir destas interações. Teóricos da cultura visual como Hernández (2007) sinalizam sobre a importância da interpretação das visualidades que fazem parte da cultura visual, como um processo educativo e de conscientização sobre os discursos que estão contidos nas mesmas. Tais objetos e artefatos visuais estão diretamente ligados à formação identitária de adultos, adolescentes e crianças que são constantemente estimulados ao consumo através de anúncios, propagandas e outros meios de comunicação.

A vida social se altera, ao tornar-se mediada pelo mercado global de diferentes produtos e situações, como as imagens midiáticas, o acesso à diversos países e os sistemas de comunicação interligados à nível mundial. Desta forma, Hall (2005, p. 75) afirma que “as identidades se tornam [mais] desvinculadas [e] desalojadas de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”.

O *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham (Reino Unido) possibilitou o início dos Estudos Culturais, no ano de 1964. Uma definição para o termo, de acordo com os autores Nelson et al (2005, p. 13), é de que os Estudos Culturais constituem um “[...] campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contradisciplinar que atua na tensão entre duas tendências para abranger tanto uma concepção ampla, antropológica, de cultura, quanto uma concepção humanística de cultura [que se desenvolveu] a partir de análises das sociedades industriais modernas. Os autores argumentam que todas as formas culturais precisam ser abordadas em relação a outras práticas culturais, contemplando, da mesma forma, as estruturas sociais e históricas. Os Estudos Culturais atuam na investigação das práticas e produções culturais, e a contribuição destas para a concepção de cultura.

Costa e Andrade (2015) apontam que a aproximação entre Estudos Culturais e Educação ocorreu a partir das relações estabelecidas entre cultura, política e poder. A partir deste cenário, surge o conceito de pedagogias culturais como uma proposição teórica disposta a proporcionar discussões a respeito dos artefatos da cultura e processos educativos. Para Giroux (1995), a pedagogia e os processos educativos podem ocorrer em todo o lugar em que o conhecimento é produzido. Os saberes resultantes destas situações extrapolam os limites

impostos pelas instituições, como a escola, por exemplo. Portanto, a cultura é uma área privilegiada de produção de práticas culturais de significação que podem, porventura, educar.

A partir dos Estudos Culturais surge a cultura visual, outro campo de estudos derivado dos estudos visuais, o qual, no início dos anos 90 teve os Estados Unidos como espaço de investigação. James Elkins e Margaret Dikovitskaya produziram livros sobre o campo dos estudos visuais ou da cultura visual que situam historicamente o surgimento do termo cultura visual (KNAUSS, 2006).

A cultura visual é um campo de estudos multidisciplinar que abrange não só as artes, mas também outras áreas de conhecimento como: a sociologia, a psicologia, a antropologia, entre outras. Portanto, a cultura visual se configura como um campo amplo e múltiplo, no qual se evidenciam formas e espaços e maneiras como a cultura pode se tornar visibilizada, tornando o visível, cultura. “Corpus de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente de Estudos Culturais, a cultura visual é considerada um campo novo em razão do foco no visual com prioridade da experiência no cotidiano” (MARTINS, 2005, p. 135).

Assim, considera-se que os estudos referentes à cultura visual nas artes vão além das visualidades artísticas, procurando investigar também as imagens produzidas pela mídia e todas as provenientes da vida cotidiana. Produzindo sentidos e processos de identificação, as imagens fazem parte da vida das pessoas e do cotidiano escolar, tornando-se visualidades. No ambiente escolar, estudantes, professores e comunidade (funcionários da escola, familiares e demais integrantes) estão expostos as mais variadas formas de visualidades seja pelos programas de TV, internet, vídeo games e/ou propagandas publicitárias. Além disso, imagens de personagens infantis ou juvenis apresentam-se estampadas nos materiais escolares e roupas dos estudantes e estes passam a identificar-se com as mesmas sem um processo reflexivo. Estas visualidades acabam influenciando as crianças e os adolescentes em suas maneiras de ser e estar no mundo contemporâneo. Com isso torna-se necessário uma educação para as visualidades.

A cultura visual atua como transmissora de valores, interferindo nas subjetividades dos sujeitos, como na aquisição de objetos consumidos diariamente por crianças, jovens e adolescentes. Pensando a partir de uma perspectiva educativa, Hernández (2000) aponta que os artefatos da cultura visual que maior presença têm entre o(a)s jovens são aqueles presentes no seu cotidiano, no interior das suas casas e nas paredes das escolas – grupos musicais, artistas, jogos, vestimentas, ícones populares – como também todas as visualidades dispostas nas redes digitais.

Uma educação baseada nas imagens da cultura visual deve levar em conta as experiências visuais dos estudantes, ajudando-os na compreensão destas visualidades sem interferir nas suas preferências e gostos por determinados objetos e/ou artefatos visuais.

O propósito da compreensão crítica “[...] e performativa da cultura visual é procurar não destruir o prazer que os estudantes manifestam, mas “explorá-lo para encontrar novas e diferentes formas de desfrute” (HERNÁNDEZ, 2007, p.71), ofertando aos alunos diversas formas de leituras e produções de “textos”, de imagens e de artefatos tecnológicos. Assim, o professor de Artes Visuais será mediador e provocador no processo educativo com o estudo das imagens da cultura visual, ajudando o aluno a adquirir novos conhecimentos, possibilitando a este, atribuir novos sentidos e significados as visualidades presentes na vida cotidiana. As imagens são importantes para promover o olhar crítico e estético dos estudantes.

Portanto, é possível concordar com o autor quanto à necessidade de atentar ao fato de que [...] as mídias, as representações e as práticas da cultura visual posicionam crianças e jovens é através dos “textos” da cultura popular, em particular dos que tendem a criar identidades de etnia, gênero, sexo e consumidor (HERNÁNDEZ, 2007, p. 74).

Refletindo sobre a construção de identidades, Meyer (2013) sustenta que os indivíduos aprendem desde cedo a ocupar e reconhecer seus lugares sociais de forma naturalizada, por isso a autora afirma que trabalhar com o conceito de pedagogias culturais resultantes das noções de educação e educativo, abrange forças e processos que incluem a família e a escolarização, sem limitar-se as mesmas. Para a autora, os meios de comunicação de massa, os jogos eletrônicos e demais brinquedos, assim como o cinema e a música, a literatura e os grupos de amizade produzem “[...] diferentes e conflitantes formas de conceber e de viver o gênero e a sexualidade, de conceber e de se relacionar com autoridades instituídas, de conhecer o eu e o outro” (MEYER, 2013, p. 24). A autora assegura que estas condições redefinem, portanto, as formas como estão sendo percebidos o currículo e as condições de ser professor e aluno nos processos de ensino e aprendizagem.

Portanto, é imprescindível o questionamento sobre as imagens e demais artefatos midiáticos, pois estes produzem maneiras de ser e estar na sociedade, ocasionando modificações culturais que chegam à educação e demais instituições sociais.

ARTISTAS VISUAIS CONTEMPORÂNEAS – O FEMINISMO EM LETÍCIA PARENTE E MÁRCIA X

A área da cultura e das artes visuais é ainda uma atividade dominada e reconhecida pela presença dos homens, seja pelo apagamento das histórias das mulheres ou pela atuação da sociedade hegemonicamente patriarcal que impediu a participação das mesmas nos circuitos artísticos. Embora este fato possa estar em constante debate, é notável a maior incidência da divulgação de imagens e obras artísticas criadas por homens. As mulheres são menos citadas como protagonistas e autoras de desenhos, pinturas, gravuras e outras artes, provavelmente devido à sua aparição como modelos destas. Além disso, suas aparições nas obras produzidas por artistas homens normalmente fortalecem discursos patriarcais e as reduzem a objetos de contemplação (PONTES, 2020).

Somente a partir dos anos 60, com o movimento feminista, é que surgem autoras discutindo o papel da mulher na sociedade, e é este fato que ocasiona também mudanças na vida das mulheres artistas, que começam a produzir obras que buscam ressaltar questões próprias ao sexo feminino. Na época, a arte dessas mulheres, aliada ao movimento feminista, passa a ser produzida como arte feminista, visto que produz visibilidade e busca reivindicar direitos para as mulheres. Entretanto, nem todas as artistas mulheres se intitulavam feministas, pois, segundo Melendi (2018), os debates feministas ainda eram iniciais no contexto da Arte. Porém, as obras de artistas mulheres, elaboradas, a partir deste período, consituíram o cenário de reivindicações sobre a situação social das mulheres, os direitos sobre o corpo e a sexualidade, por meio de um ativismo artístico, político e social.

Assim, segundo Grosenick, as mulheres começam a exigir participação nos museus e na história da arte, organizando-se a partir da montagem de suas próprias exposições de arte, dirigindo “[...] suas próprias galerias e a da[ndo] aulas particulares. Foi a forma encontrada para burlar as estruturas ainda dominadas pelos homens e colocar como tema central o feminino” (2003, p. 15). Suas ações reproduziam diversas visualidades como performance, fotografias e vídeos.

Destacamos neste texto o trabalho de duas artistas brasileiras contemporâneas, Letícia Parente e Márcia X. Suas obras caracterizam-se pela experimentação e subversão expostas em vídeos, performances e instalações, onde corpos, sexualidades e subjetividades atuam em confronto com ética, política e religião.

Letícia Parente nasceu na Bahia, em 1930 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1991. Apesar de ter trabalhado com vários meios como pintura, gravura, desenho e fotografia, Parente se

destacou principalmente através das performances, que eram filmadas e resultavam em produções de Vídeo Arte. O próprio corpo era usado como ferramenta em suas representações, e os vídeos eram gravados na sua própria casa.

Em seus trabalhos existia uma crítica social e política recorrente. Em “Marca registrada” (1975) vídeo de 9 min., a artista, com uma linha e agulha, costura no próprio pé as palavras *Made in Brazil*. Neste, o rosto da artista não aparece e o foco aponta para a sola do seu pé e sua mão bordando. Pode-se dizer que de maneira intencional, o vídeo causa certo desconforto nos espectadores. A obra traz questões subjetivas da própria artista, como por exemplo, o fato da costura e o bordado geralmente serem vistos como atribuições femininas em nossa sociedade. Neste caso, o uso comum é subvertido, dando vazão à dor e tensão. Dessa forma, trata-se de um vídeo que questiona os comportamentos padronizados e impostos culturalmente (ARTEBRASILEIRAUTFPR, 2013).



Figura 1: Leticia Parente, *Marca Registrada*, 1975.
Fonte: PARENTE, 2021.

A obra de Leticia Parente é marcada pela ideia de extrair do corpo uma imagem que nos dê razão para acreditar no mundo em que vivemos. Os vídeos dessa artista são, cada um deles, preparações e tarefas por meio das quais o corpo revela os modelos de subjetividade que o aprisionam. Em *Marca Registrada* (1975), Leticia, seguindo uma brincadeira nordestina, costura, com agulha e linha, na planta do pé, as palavras *Made in Brazil*, ao mesmo tempo que revela o processo de coisificação do indivíduo, presente em vários de seus vídeos [...] (PARENTE, 2014, p.13).

Parente utiliza o corpo como suporte para a sua obra e o transforma em uma imagem que causa incômodo no espectador/a ao mesmo tempo que propõe questionamentos sobre o controle cultural e social que ainda prevalece sobre os corpos, especialmente, corpos femininos.

Outra artista contemporânea que trabalhou com as questões da subjetividade feminina, foi a artista Márcia Pinheiro de Oliveira conhecida como Márcia X. A artista nasceu no Rio de Janeiro em 1959 e faleceu na mesma cidade, em 2005.

Ela apresentou, no ano de 2000 pela primeira vez, a performance/instalação “Desenhando com terços”, no Instituto Cultural Casa de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Vestida de branco, como em um ritual, Márcia desenha pênis com 400 terços católicos ao longo de uma sala de vinte metros quadrados. Os terços brancos, sempre em pares, são dispostos no chão do espaço expositivo formando pênis entrecruzados (LANÇA, 2017).

Em desenhando com terços, a artista questiona e expõe sutilmente múltiplas facetas da interface sexualidade e religião.

O entre-lugar terço/pênis evocado e construído por Márcia X é tão poderoso exatamente porque ele revela a arbitrariedade de duas super convenções sociais da cultura ocidental, a saber, o cristianismo e a sexualidade obcecada e limitada ao falo. Trata-se, sem dúvidas, de uma obra transgressora, e é esse não-lugar da transgressão que revela os valores aos quais estamos subjugados (LANÇA, 2017, p.82).

Márcia X traz reflexões importantes sobre a visão de mundo patriarcal, no qual o universo feminino é associado a um comportamento repetitivo e padronizado, imposto pela religião católica.

Sentada sobre os calcanhars e manipulando os terços meticulosamente, Márcia X. se assemelha à devota católica que manipula seu terço em oração. A dedicação física e calculada, durante um longo período e distribuída em um espaço determinado, lembra ainda o sacrifício da devota que sobe os trezentos e oitenta e dois degraus da Igreja de Nossa Senhora da Penha para pagar uma promessa. A postura ascética da *performer* provoca um efeito de contraste quando se observa isoladamente cada figura formada pelos terços (OLIVEIRA, 2014, p.28).

A artista consegue fazer com que o objeto religioso e simbólico (o terço) seja transformado, mudando o seu sentido e passando a ser algo novo, algo que subverte a ideologia religiosa.



Figura 2: Desenhando com terços, 2000.
Fonte: Fotografia de Vicente de Mello (MARCIAX.ARTE.BR, 2021).

Depois de ser apresentada pela primeira vez em 2000, a obra “Desenhando com terços” ganhou enorme repercussão depois que fotogramas da performance/installação foram censuradas em 2006 na exposição *Erótica: Os sentidos na Arte*, no Centro Cultural Banco do Brasil, RJ. Isso aconteceu um ano após a morte da artista, aos 45 anos de idade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações estabelecidas com o universo visual, imagens midiáticas e de consumo proporcionam modificações identitárias, interferindo nas formas de perceber e ver o mundo. Dessa forma, é importante destacar que a sociedade, ao mesmo tempo, que propõe a difusão de conhecimentos, também opera no sentido de produção de sujeitos e identidades – de gênero, classe ou etnia – em contextos de relações de desigualdade. Hoje, os meios tecnológicos de informação e comunicação, em especial, os digitais, atuam, de igual forma e com bastante facilidade de acesso, na promoção de formas democráticas como também de desigualdade social/cultural e de gênero, dentre outras.

Assim, é fundamental o questionamento sobre a presença do feminino na área da cultura e das artes visuais, pois é ainda dominada predominantemente pela visão masculina, em função do maior destaque dado à produção de artistas homens, em toda história da arte

ocidental, em especial. Historicamente as mulheres têm aparecido como modelos, sendo retratadas nas obras de arte, e não como protagonistas dos fazeres artísticos. É prioritário que estas artistas sejam levadas, por meio de suas obras (em forma de reproduções de imagens, vídeos, fotografias) para as salas de aula, motivando aos alunos, o conhecimento da produção feminina/feminista e artística contemporânea.

As duas artistas questionam e problematizam, através de suas obras, a padronização do comportamento feminino imposto pela cultura patriarcal. Suas obras propõem uma ruptura de pensamento, através de atos subversivos com a utilização de objetos que modificam ou extrapolam suas funções habituais. Nas obras, em relação às materialidades utilizadas, as artistas apresentadas nesse artigo, usam em específico, linha de costura e agulha, nos trabalhos de Letícia Parente (“Marca Registrada”, 1975) e terços católicos, na produção de Márcia X, intitulada “Desenhando com terços” (2000). Com estes elementos provocam os olhares e desconstroem ideias preconcebidas, descondicionando formas de comportamento.

Portanto, o que se pretende é empreender por meio do ensino das Artes Visuais, o conhecimento das artistas mulheres, em especial, buscando favorecer uma nova apreensão das visualidades contemporâneas, com vistas a superar as desigualdades de gênero.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. **Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação**. Textura. Canoas, v.17, n.34, p. 48-63 maio/ago. 2015, p. 48-63.
- ARTEBRASILEIRAUTFPR. **Letícia Parente e a Vídeo Arte**. 2013. Disponível em: <https://artebrasileirautfpr.wordpress.com/2013/03/06/leticia-parente-e-a-video-arte/>. Acesso em: 14 ago. 2021
- GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: SILVA, T.T (Org.). **Alienígenas na sala de aula: Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 3ed. p. 131- -159. Petrópolis: Vozes.1995.
- GROSENICK, Uta. **Mulheres Artistas: século XX e XXI**. Taschen, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual – Mudança Educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual – proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual**. Artcultura – Revista do Instituto de História da UFU. Uberlândia, v. 8, n. 12, p.97-115, 2006.

LANÇA, Leandro Gonçalves. **A profanação sagrada de Márcia X**. 2017.119f. Dissertação (Mestrado – PPGA/UFMG) Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2017.

MARTINS, Raimundo. Educação e poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: OLIVEIRA, Marilda De Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o Ensino das Artes Visuais**. Santa Maria: editora UFSM, 2005.p.133-145.

MELENDI, Maria Angélica. Para construir novas casas e descobrir velhas metáforas de fundação. In: FAJARDO-HILL, Cecília; GIUNTA, Andrea. **Mulheres Radicais: arte latino-americana, 1960-1985**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

MELLO, Vicente. Márcia X, Desenhando com terços. Disponível em: <http://marciax.art.br/mxText.asp?sMenu=5&sText=3> Acesso em: 14 ago. 2021

MEYER. Dagmar E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana V.(Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p.11-29.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: Uma Introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na Sala De Aula – Uma introdução aos estudos culturais em educação**. 6ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 7- 34.

OLIVEIRA, Paola Lins de. A iconoclastia sagrada de Márcia X.: arte contemporânea, performance e religião, **Ponto Urbe** [Online], 15 | 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/2245> Acesso em: 14 ago.2021.

PARENTE, André. “ALÔ, É A LETÍCIA?”. **eRevista Performatus**, Inhumas, ano 2, n. 8, jan. 2014. ISSN: 2316-8102. Disponível em: http://performatus.com.br/wp-content/uploads/2013/12/Leticia-Parente_ed8_eRevistaPerformatus.pdf Acesso em: 14 ago. 2021

PONTES, Alessandra Gurgel. **Patriarcado, cultura visual e formação docente: reflexões e narrativas de professoras de Artes Visuais**. 2020. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação Educação, Faculdade de Educação - FaE, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6934> Acesso em: 16 ago. 2021.